

# A FARSA DA GLOBALIZAÇÃO

\*\*ALFREDO JOSÉ PESSOA DE OLIVEIRA

O termo globalização é um artifício da mídia, no intuito de resumir as principais transformações por que passou o capitalismo nos últimos trinta anos (especialmente na década de oitenta). É o slogan das organizações econômicas internacionais, e em alguns meios acadêmicos significa oportunidade dos mercados emergentes se inserirem na modernidade onde o grande vencedor seria o consumidor. Na verdade não se trata de algo completamente novo e que pegou as economias, principalmente as emergentes, de surpresa, é a mais pura expressão mutante de formas de internacionalização do capital em estágios mais evoluídos.

As principais características das transformações recentes foram:

- a) um novo tipo de relacionamento entre governo e sistema financeiro internacional (devido a persistência dos déficits públicos),
- b) inovações nas áreas da telemática e informática,
- c) novas formas de organizações da produção e do trabalho,
- d) concentração e centralização dos mercados (aumento de fusões e aquisições em detrimento da criação de uma nova capacidade produtiva),
- e) a formação de blocos econômicos (liderados cada um pelos três grandes países da tríade - EUA, Japão e Alemanha) cada vez mais integrados no campo das transações cambiais e financeiras,
- f) interpenetração patrimonial (via aumento de investimento direto externo - IDE- e das transnacionais),
- g) a reafirmação do dólar como denominador comum e moeda guia da financeirização, e a desregulamentação, a descompartimentação e, a

desintermediação financeira.

A emergência de um novo paradigma organizacional-tecnológico e a ascensão das finanças especulativas são elementos constitutivos da recente evolução do capitalismo. Assim, podemos dizer que a inserção dos países latino-americanos, nesta nova fase de expansão dos circuitos de valorização patrimonial e financeiro do capital, foi subordinada aos países centrais e extremamente dependente dos fluxos internacionais de capitais de curto prazo. É preciso entender que nem a estabilização e nem o desenvolvimento estarão automaticamente assegurados com a globalização, e que os Estados-Nações, principalmente os de moeda fraca e mal posicionados na hierarquia mundial, são enfraquecidos e perdem autonomia de gestão macro-econômica neste processo.

A vulnerabilidade dos mercados emergentes latino-americanos reflete-se na ampliação da fragilidade do setor público, na desnacionalização e desindustrialização de suas cadeias produtivas e, no constrangimento do balanço de pagamento que impede um crescimento econômico suficiente para reduzir o desemprego. A inexistência de uma situação fiscal sólida, como por exemplo no Brasil, deixou a estabilização calcada na sobrevalorização da taxa de câmbio nominal e na elevação das taxas de juros, um mix de políticas fundamentais para atrair os "smart money" e aumentar as reservas internacionais, tão necessárias para combater os ataques especulativos. Isto coloca a estabilização sob constante ameaça, além do

que, há o temor da diminuição, ou mesmo interrupção dos influxos de capitais internacionais, na medida em que os "crashes" e a perda de credibilidade vão ocorrendo, seja no México (1994), na Ásia (1997) ou na Rússia (1998).

Os efeitos deletérios não param por aí, mesmo a queda do processo inflacionário acarretou elevados custos sociais, como a recessão e o desemprego. Sob o manto da globalização, muitos governos isentam-se de responsabilidades transferindo-as para a órbita externa, fora do controle nacional, esquecendo de mencionar que a configuração macro-econômica atual é produto do regime cambial e que a entrada de capital, enquanto poupança externa, financia mais o consumo (via elevação do coeficiente de importações) do que o investimento produtivo (que gera internamente maiores níveis de renda e emprego). Portanto, com um certo esforço de reflexão notaremos que a América Latina está inserida de forma crescentemente instável, sob permanente suspeita, com elevado risco de contágio (advindo da má solvabilidade de outros mercados financeiros emergentes), e com dois constrangimentos macro-econômicos adicionais: déficit público crescente e déficit em transações correntes financiado por capitais especulativos! ●.

\* ALFREDO JOSÉ PESSOA DE OLIVEIRA é professor do Departamento de Teoria Econômica da Universidade Federal do Ceará, Mestre em Economia, Doutorando do Instituto de Economia da UNICAMP.